

## EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O SANTO DAIME EM RIO BRANCO, ACRE: identidades e espaços de memória

*Julia Lobato Pinto de Moura  
Maria Betânia Barbosa Albuquerque*

### Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a relação entre educação patrimonial e os espaços de memória ligados às culturas ayahuasqueiras, especialmente à religião do Santo Daime, na cidade de Rio Branco-AC, com foco nas vivências e visitas guiadas no Memorial da Colônia Cinco Mil. Metodologicamente, resulta de uma experiência que articula pesquisa, vivência na comunidade e extensão universitária, com abordagem qualitativa e participativa, o que poderíamos chamar também de pesquisa-ação. Apoiado, teoricamente, nos conceitos de museologia comunitária, pedagogia cultural e educação não escolar, o artigo evidencia a educação patrimonial como um conjunto de práticas ancoradas no diálogo entre educadores, técnicos e comunidades e que se configuram como um caminho para a preservação e transmissão do patrimônio cultural para futuras gerações. Dentre os resultados, o artigo destaca que o Santo Daime é uma religião da Amazônia que marca a paisagem de Rio Branco de múltiplas formas, seja nos grafites em que se pode ler versos de hinos do Daime; na nomeação de linhas de ônibus, na música de compositores locais e ainda nos memoriais existentes na cidade. O Memorial da Colônia Cinco Mil, em particular, por abrigar histórias e memórias do Santo Daime, configura-se como espaço educativo significativo na cidade de Rio Branco, sobretudo, por articular religião e sociedade ao socializar conhecimentos geralmente silenciados nos meios escolares e acadêmicos.

**Palavras-chave:** santo daime; memorial; educação patrimonial; rio branco.

## HERITAGE EDUCATION AND SANTO DAIME IN RIO BRANCO, ACRE: identities and spaces of memory

### Abstract

This article aims to reflect on the relationship between heritage education and memory spaces linked to ayahuasquero cultures, especially the Santo Daime religion, in the city of Rio Branco-AC, focusing on experiences and guided tours at the Memorial da Colônia Cinco Mil. Methodologically, it results from an experience that coordinates research, community engagement, and university extension through a qualitative and participatory approach, also characterized as action research. Theoretically grounded in the concepts of community museology, cultural pedagogy, and non-formal education, the article highlights heritage education as a set of practices anchored in the dialogue between educators, technicians, and communities, serving as a path for the preservation and transmission of cultural heritage to future generations. Among the results, the article emphasizes that Santo Daime is an Amazonian religion that shapes the landscape of Rio Branco in multiple ways, including graffiti featuring verses from Daime hymns, the naming of bus routes, the music of local composers, and the city's memorials. The Memorial da Colônia Cinco Mil, in particular, by housing histories and memories of Santo Daime, constitutes a significant educational space in Rio Branco, primarily by articulating religion and society through the socialization of knowledge that is generally silenced in school and academic circles.

**Keywords:** santo daime; memorial; educação patrimonial; rio branco.

---

## EDUCAÇÃO PATRIMONIAL Y SANTO DAIME EN RIO BRANCO, ACRE: identidades y espacios de memoria

### Resumen

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la relación entre la educación patrimonial y los espacios de memoria vinculados a las culturas ayahuasqueiras, especialmente la religión del Santo Daime, en la ciudad de Rio Branco-AC, centrándose en las vivencias y visitas guiadas en el Memorial da Colônia Cinco Mil. Metodológicamente, es el resultado de una experiencia que articula investigación, vivencia comunitaria y extensión universitaria, con un enfoque cualitativo y participativo, lo que también podría denominarse investigación-acción. Sustentado teóricamente en los conceptos de museología comunitaria, pedagogía cultural y educación no escolarizada, el artículo destaca la educación patrimonial como un conjunto de prácticas ancladas en el diálogo entre educadores, técnicos y comunidades, configurándose como un camino para la preservación y transmisión del patrimonio cultural a las futuras generaciones. Entre los resultados, el artículo resalta que el Santo Daime es una religión amazónica que marca el paisaje de Rio Branco de múltiples formas, ya sea en los grafitis donde se leen versos de himnos del Daime, en la denominación de líneas de autobús, en la música de compositores locales o en los memoriales existentes en la ciudad. El Memorial de la Colônia Cinco Mil, en particular, al albergar historias y memorias del Santo Daime, se configura como un espacio educativo significativo en la ciudad de Rio Branco, sobre todo al articular religión y sociedad mediante la socialización de conocimientos que generalmente son silenciados en los medios escolares y académicos.

**Palabras clave:** santo daime; memorial; educación patrimonial; rio branco.

### INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a relação entre educação patrimonial e os espaços de memória ligados às culturas ayahuasqueiras, especialmente à religião do Santo Daime na cidade de Rio Branco-AC, com foco nas vivências e visitas guiadas no Memorial da Colônia Cinco Mil, um museu comunitário criado em 2021.

Metodologicamente, resulta de uma experiência que articula pesquisa, vivência na comunidade e extensão universitária, com abordagem qualitativa e participativa aos moldes de uma pesquisa-ação. A partir de levantamentos bibliográficos e da imersão no campo, buscamos comparar versões e tensões entre os ditos e não ditos da historiografia oficial, privilegiando a escuta e o registro das memórias e narrativas dos moradores. Inspiradas em Walter Benjamin (1987), consideramos que é a prática de cada um que dá conteúdo real aos debates, reflexões e teorias, quando o fazer ocorre em um movimento indissociável do pensar e refletir. Nesse sentido, à medida que a pesquisa avançava e que as narrativas eram tecidas, os princípios e referenciais teóricos e metodológicos da museologia comunitária passaram a conduzir as ações de extensão universitária no Memorial Colônia Cinco Mil, em parceria com o Coletivo Amigos da Cinco Mil (CACIM), grupo de lideranças que atua na preservação dos bens materiais e imateriais da comunidade.

Segundo Figueira e Ramos (2019), museologia comunitária - museologia popular ou ainda museus de iniciativa local - abarca um conjunto de ações que envolvem salvaguardar objetos, histórias, registros de práticas culturais de uma localidade. Assim, procuramos evidenciar neste texto que, para as comunidades ayahuasqueiras, os museus comunitários cumprem um papel significativo. As culturas ayahuasqueiras compreendem um conjunto diverso de práticas, costumes e sentidos produzidos em torno do uso ritual da ayahuasca, em contextos indígenas e não-

indígenas. A ayahuasca é uma bebida preparada a partir da cocção de um cipó misturado a uma folha e que, cozidos, dão origem ao psicoativo usado de forma milenar por diferentes povos indígenas na bacia amazônica e nos andes. No Brasil, como resultado do contato entre trabalhadores migrantes de outras regiões, sobretudo do Nordeste, e povos amazônicos no início do século XX, a ayahuasca ganhou outros contextos de uso. Destacam-se as irmandades religiosas que se formaram nessa porção Sul-ocidental, a exemplo do Santo Daime, doutrina revelada ao migrante maranhense Raimundo Irineu Serra que faz uso dessa bebida renomeada por ele como *daimé* em referência ao verbo *dar* (dai-me amor, dai-me saúde...).

Desde que a ayahuasca indígena, com seus muitos nomes e formas de uso, saiu da floresta e passou a ser utilizada em contextos não indígenas, surgiram novos grupos e espacialidades. Diversos sujeitos passaram a produzir novas culturas, tradições e formas de uso em diálogo com a cidade, o campo e a floresta. Assim, a ayahuasca indígena foi se territorializando em outros espaços, inicialmente para além das fronteiras amazônicas e, posteriormente, para além das fronteiras brasileiras e latino-americanas, chegando aos diferentes continentes. Neste artigo, analisamos como as religiões ligadas ao Santo Daime marcam a paisagem da capital acreana, os processos ligados à educação patrimonial nos espaços de memória dessas comunidades, pensando o caráter socializador e educativo desses equipamentos, com foco nas experiências desenvolvidas no Memorial da Colônia Cinco Mil.

Embora as culturas ayahuasqueiras tenham uma importância significativa em Rio Branco, por ter sido na capital acreana que os primeiros cultos ayahuasqueiros em contextos não indígenas vão se organizar e se territorializar, essas práticas culturais ainda são silenciadas. Na realidade, a ayahuasca é cada vez mais conhecida no Brasil e no mundo, mas o cidadão acreano, muitas vezes, detém pouco conhecimento sobre elas.

Ainda que grande parte do turismo religioso e etnocultural no Acre seja motivado pelo uso ritual da ayahuasca e outras medicinas da floresta, há uma certa ressalva por parte da mídia, do currículo escolar e outros meios de comunicação, em abordar essa significativa expressão da religiosidade local. Nesse sentido, há dificuldades de encontrar materiais explicativos que contribuam para a valorização das culturas ayahuasqueiras como patrimônio material e imaterial, e sobre a relação que estabelecem com os processos históricos ligados à formação econômica e territorial do Acre. Em vista disso, os espaços de memória configuram-se como meios através dos quais as culturas ayahuasqueiras marcam sua presença nas comunidades rurais e nas cidades, articulando-se ao sentido de uma educação patrimonial que, segundo Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p. 5):

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.

Os museus comunitários das culturas ayahuasqueiras atraem pessoas interessadas na história do Acre, nas religiosidades Amazônicas, no uso de psicoativos, que, não necessariamente, estão buscando o uso ritual da bebida. Entretanto, nem todos os espaços de memória das culturas ayahuasqueiras de Rio Branco têm esse caráter socializador, uma vez que alguns desses memoriais são de visitação restrita à comunidade e não atendem ao público geral.

Ao compreender o memorial como espaço educativo, nos sintonizamos com o conceito de pedagogia cultural de Andrade e Costa (2017, p. 3), para quem é fundamental “[...] vislumbrar e analisar as pedagogias atuantes em uma multiplicidade de espaços, para além daqueles que delimitam territórios escolares ou escolarizados”. Nessa direção, terreiros, igrejas e, neste caso, lugares de memória, configuram-se como espaços de educação não escolar que resultam das “[...] relações entre manifestações culturais e educação” (Zoppei, 2015, p. 50).

Ao ampliar o entendimento de educação para além dos territórios escolares, Ellsworth (2005) refere-se a uma pedagogia em constante construção, presente em espaços como cinemas, arquiteturas e museus, que exercem uma espécie de *força pedagógica* ao provocar nos sujeitos mudanças significativas. Para ela, “[...] a pedagogia desses lugares provoca nos sujeitos movimentos, sensações e efeitos que fazem com que seus corpos e mentes realizem aprendizagens tanto em relação a si mesmos, quanto em relação aos outros e ao mundo” (Ellsworth, 2005, p. 1).

A educação de natureza não escolar foi foco do artigo de Albuquerque e Buecke (2019, p. 17) voltado para as produções intelectuais do Congresso Brasileiro de História da Educação, no período de 2000 até 2017, em torno dessa temática. As autoras afirmam que “[...] Os dados apontam para o escolacentrismo do evento e, conseqüentemente, para o silenciamento de outras formas de se ensinar e aprender pelas quais milhares de pessoas socializam-se ou educam-se cotidianamente”, a exemplo dos museus ou espaços de memória. Em vista disso, sugerem a “[...] retomada do debate epistemológico sobre a natureza do educar e seus sentidos, em direção a um conceito amplo de educação capaz de abranger as complexas e multifacetadas formas de ser e aprender (2019, p. 21-2). Concordamos, portanto, com Severo (2018, p. 5) quando afirma que o termo educação

[...] não corresponde a□ escolarização nem a□ instrução. Designa um processo global de formação humana através da inserção dos sujeitos na cultura a partir de mediações exercidas por agentes e dispositivos em contextos variados. A Pedagogia tem como objeto a educação como formação humana e não somente a□ formação escolar ou instrução formal, estando estas inseridas no contexto daquela.

Nesse sentido, os museus ocupam lugar de destaque quando se trata de refletir sobre os espaços da cidade e outros contextos de ensino. Garantir acesso aos bens culturais e ambientais, valorizar bens materiais e imateriais reconhecendo a importância de comunidades tradicionais e seus modos de vida, pode ser uma forma de comunidades, historicamente silenciadas, contarem suas histórias e produzirem as próprias narrativas sobre seus territórios. Assim, a educação patrimonial compreende diferentes práticas transversais e contínuas, focadas no diálogo entre educadores, técnicos e comunidades, como um caminho para a valorização, preservação e transmissão do patrimônio cultural e ambiental para futuras gerações.

## COMUNIDADES DO DAIME E OS ESPAÇOS DE MEMÓRIA

É recorrente o uso da expressão *escola* para se referir tanto à religião do Daime, quanto à bebida feita de plantas consideradas como professoras (Albuquerque, 2011). Irineu Serra, o fundador da religião, não se referia ao Daime como uma nova religião amazônica e sim como uma doutrina, uma escola espiritual em que as pessoas se dirigem, com seus cadernos de hinos, para aprender as lições neles contidas. A compreensão das religiões como espaços de educação constituiu o foco do artigo de Albuquerque (2020), em que traça os contornos de um campo de investigação situado na interface entre duas áreas de conhecimento: a educação e a religião. A autora

apoia-se na obra *A educação como cultura*, de Carlos Brandão (2002), quando este afirma que as religiões se configuram como práticas educativas, uma vez que:

Tal como a educação, a religião é um território de trocas de bens, de serviços e de significados entre as pessoas. Tal como as da educação, as agências culturais de trabalho religioso envolvem hierarquias, distribuição desigual do poder, inclusões e exclusões, rotinas, programas de formação seriada de pessoal e diferentes estilos de trabalhos cotidianos (Brandão, 2002, p. 152).

Com base nesse autor, Albuquerque (2020) reafirma a ideia de que igrejas, templos ou terreiros são espaços atravessados por um amplo conjunto de saberes que possibilitam a circulação de sentidos e de significados de teor pedagógico, situações em que, segundo Brandão (2002, p. 143), “[...] de alguma maneira se ensina-e-aprende o que é importante para que indivíduos biológicos se tornem pessoas sociais”. No caso das culturas ayahuasqueiras, elas lançam mão de diferentes formas de educar: seja a educação espiritual ocorrida no âmbito das práticas religiosas, seja nos espaços de memória e nas visitas guiadas aos lugares que compõem a comunidade.

Independente e em paralelo aos processos de institucionalização e patrimonialização, consideramos as culturas ayahuasqueiras e o Daime, em particular, com toda a sua diversidade de grupos e manifestações, como parte importante do patrimônio histórico, cultural e ambiental do Acre, mais especificamente de Rio Branco. As referências a essas práticas, saberes e tradições extrapolam os espaços das comunidades, uma vez que têm efeitos na cultura, na arte e na música, bem como na produção audiovisual local. Essas são formas com as quais as religiões ayahuasqueiras se afirmam nas cidades para além dos templos, no entrelaçamento do tecido religioso no mundo temporal, na cultura popular.

Diferente dos museus oficiais que, geralmente, expõe aspectos de uma história mais conhecida e consagrada, marcada por nomear heróis nacionais e datar grandes eventos, os espaços de memória, construídos por comunidades tradicionais, guardam lembranças, documentos, vivências que são pouco conhecidos, estando às margens dos livros didáticos e currículos escolares, como é o caso das culturas ayahuasqueiras na Amazônia Acreana e fora dela. Tal perspectiva sobre os espaços de memória se insere em um amplo movimento que incide sobre as concepções teóricas sobre os museus.

De acordo com Soares e Scheiner (2009), o movimento iniciado nos anos de 1980 e intitulado Nova Museologia levou os teóricos do campo a repensarem a própria origem, a função e formas dos museus. Experiências plurais transformaram esse campo do saber aproximando os estudiosos da museologia e do patrimônio das comunidades que, através da criação de espaços de memória, buscam uma nova forma de preservar e transmitir seus saberes. Assim, no caso de museus comunitários,

[...] a musealização se dá de forma integral e não cristalizadora dos processos e costumes que são, ao contrário, mantidos na vivência das pessoas. O que se preserva são as próprias dinâmicas da vida comunitária, mesmo que seus produtos também sejam colocados nas vitrines de museus tradicionais que não perdem a sua importância e não mudam a sua forma, ainda que criados pelas próprias comunidades e voltados para elas (Soares; Scheiner, 2009, p. 4).

Os parques e as áreas de proteção ambiental também são equipamentos urbanos ligados à educação patrimonial. As comunidades ayahuasqueiras no Acre geralmente preservam e fazem o manejo de significativas áreas ambientais no seu entorno e, nesses casos, a paisagem natural e cultural se imbricam e se confundem. Assim, a natureza, além de algo a ser preservado e

contemplado, conforma a identidade dessas comunidades que mantêm relações com a terra, o território e, mais especificamente, com os plantios das espécies de plantas sacralizadas e utilizadas no preparo da bebida ritual. Ademais, os primeiros seguidores da doutrina do Daime eram, em sua maioria, ex-seringueiros e trabalhadores rurais, e algumas dessas comunidades se desenvolveram também como colônias agrícolas, onde a relação com a terra, a produção de alimentos e o trabalho coletivizado eram uma parte significativa do tecido comunitário. Portanto, trata-se de uma paisagem natural do qual os sujeitos fazem parte, com a qual se desenvolve todo um sistema cultural e simbólico.

Para Santos (2006, p. 66), a paisagem é uma fração da configuração espacial e territorial onde os objetos ditos culturais e naturais existem em correlação. Para ele, “[...] a paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima”. Por preservarem consideráveis áreas de remanescentes florestais no seu entorno, e pela indissociabilidade entre cultura e natureza, antigas comunidades do Daime de Rio Branco - como o Alto Santo, localizado no bairro Irineu Serra, e a Colônia Cinco Mil, localizada na área rural próxima à cidade - podem ser consideradas patrimônio histórico e cultural, mas também ambiental.

Mesmo alguns centros do Daime, em Rio Branco, localizados na área mais urbana e que não possuem essa reserva ambiental como espaço contínuo da sede dos trabalhos espirituais, geralmente possuem uma área mais afastada da malha urbana, onde cultivam as espécies do cipó Jagube e da folha Rainha para fins de preparo da bebida ritual. Dessa forma, as culturas ayahuasqueiras, considerando toda a complexidade e diversidades de usos em contextos indígenas e não-indígenas, conformam um conjunto de práticas, bens materiais e imateriais como monumentos, objetos, danças, cantos, saberes, memórias orais e escritas, que constituem patrimônio histórico, cultural e ambiental dos povos amazônicos.

Ao focalizar as religiões ayahuasqueiras nos processos de formação econômica e territorial do Acre, procuramos pensar que a formação de um território não está vinculada apenas a fatores econômicos e políticos dominantes que ordenam o fluxo dos trabalhadores e a exploração dos recursos naturais, no caso, a borracha. Há nos encontros entre diferentes culturas, a produção de novas culturas e formas de socialização que imprimem significativas marcas nas identidades locais. O Santo Daime é um exemplo de como o encontro entre diferentes culturas, no contexto de ocupação do Acre e demarcação de suas fronteiras no início de século XX, produziu novas espacialidades e práticas culturais, como as comunidades do Daime em Rio Branco.

Por comunidades do Daime, entendemos todos os centros religiosos/espiritualistas que consagram a ayahuasca com o nome de *daime*. Isso inclui os centros de Daime que seguem a tradição fundada por Irineu Serra e as tradições fundadas por seus seguidores, como Sebastião Mota de Melo, na Colônia Cinco Mil, e os centros da linha fundada por Daniel Pereira de Mattos, que ainda na década de 1950 consolidou outro seguimento, inicialmente chamado Casa de Oração Jesus Fonte de Luz e, posteriormente, com a expansão, chamado de Barquinha.

Existem muitas comunidades do Daime em Rio Branco, algumas mais urbanas e centrais, outras mais periféricas. O centro de Daime mais antigo foi o fundado pelo mestre Irineu Serra em 1930. Na década de 1950 surgiu o Centro de Oração do Mestre Daniel. Na década de 1960, Irineu Serra passou a autorizar alguns de seus discípulos a fazerem daime em suas casas, muitas delas em colônias da área rural de Rio Branco. Foi o início do que a literatura chamou de extensões ou

setores, e um deles foi a Colônia Cinco Mil, liderada por Sebastião Mota de Melo, mais conhecido como padrinho Sebastião, que começou a realizar *feitios de daime* em 1969<sup>1</sup>.

Com o desencarne dos mestres fundadores, ambos seguimentos do Daime passaram por processos de cisão ao longo das décadas de 1970, 1980 e 1990, resultando na expansão da doutrina do Daime em Rio Branco, ao mesmo tempo em que se expandia para outras partes do Brasil e do mundo. No Alto Santo, a partir dos anos 1980, vão surgir outros centros de Daime, totalizando, atualmente, 4 sedes (Moura, 2023). O mesmo aconteceu na Vila Ivonete que, em um pequeno perímetro, concentra três centros ayahuasqueiros/daimistas da linha do mestre Daniel. A cartografia do Daime na cidade de Rio Branco e imediações reflete, portanto, uma rede de relações marcadas por continuidades e descontinuidades, afinidades e tensões produzidas no contexto de sua expansão, um processo que teve início com o Mestre Irineu em vida.

Algumas comunidades do Daime possuem espaços de memória onde se guardam objetos, fotos, documentos, narrativas, livros etc., como é o caso do Memorial do Alto Santo, na comunidade fundada por Irineu Serra; o Memorial Francisca Gabriel, da Barquinha Príncipe Espadarte; o Memorial da Colônia Cinco Mil, foco deste artigo, entre outros. Esses espaços de memória são importantes instrumentos de sistematização e registro da história institucional desses grupos e podem contribuir para fortalecer, entre os adeptos, o vínculo com o território, com a identidade e as memórias relacionadas à comunidade. Nem todos os memoriais das comunidades ayahuasqueiras são abertos à visitação, como o Memorial do Alto Santo, tombado pelo patrimônio histórico do Acre e de Rio Branco em 2006, mas que é de visitação restrita.

No caso do Alto Santo, inclusive, depois da mobilização da comunidade, houve a demarcação da unidade de conservação como Área de Preservação Ambiental Raimundo Irineu Serra (APARIS), em 2005, importante salvaguarda do patrimônio ambiental na parte alta de Rio Branco, onde os remanescentes de floresta urbana ainda margeiam e protegem o igarapé São Francisco que circunda por diversos bairros, nessa região. A posterior instituição de plano de manejo visou salvaguardar o patrimônio ambiental em sua relação com o patrimônio cultural. Nessa época, havia uma política cultural de valorização dos mestres das culturas tradicionais do Acre, e houve uma série de eventos que fortaleceram algumas comunidades religiosas ayahuasqueiras e trouxeram algum reconhecimento e prestígio social. Esse reconhecimento, porém, não chegou à comunidade fundada pelo padrinho Sebastião que, no contexto ayahuasqueiro de Rio Branco, é muitas vezes marginalizada; seu fundador é lido como um rebelde, usurpador da doutrina do mestre Irineu, sobretudo, por aqueles que não admitem os novos arranjos introduzidos por ele.

A comunidade do Daime da Colônia Cinco Mil, desde os anos de 1970, sob a liderança do padrinho Sebastião, ficou conhecida por ser mais receptiva aos visitantes. Ali chegaram, a partir do ano de 1975, estradeiros e mochileiros de diversas partes do mundo. Muitos deles passaram a se integrar à comunidade e construir, junto com os antigos moradores, a busca por um estilo de vida mais voltado à terra, à produção agrícola e aos trabalhos espirituais (Mortimer, 2000). Ainda que não haja nenhum estudo ou processo de patrimonialização pelas vias institucionais, a Colônia Cinco Mil pode ser lida como parte do patrimônio material e imaterial das culturas ayahuasqueiras por sua relevância histórica, cultural e ambiental no município de Rio Branco.

Com seus mais de 50 anos de história, a Colônia Cinco Mil foi onde teve início o movimento do povo do Daime, tanto no sentido de interiorização na floresta, quanto em direção aos grandes centros urbanos de outras regiões brasileiras, o que reforça sua importância como

---

<sup>1</sup> Feitio é o nome dado ao processo complexo de preparo do daime que inclui as plantas adequadas, água e fogo.

epicentro do movimento de expansão dessa religião. Reconhecê-la e valorizá-la tem sido um dos objetivos do Coletivo Amigos da Cinco Mil, grupo formado por diversas pessoas da comunidade que, em 2020, decidiram se reorganizar para fomentar ações que busquem revitalizar os espaços de memória da comunidade. A partir de então, diversas ações têm sido feitas e a primeira foi a mobilização para reformar o espaço da antiga escola da comunidade, que estava abandonado e subutilizado. Em novembro de 2021 foi entregue para a comunidade o lugar reformado e com uma exposição de textos e fotos que reunia diversas informações sobre a história da comunidade. Era o início do Centro Cultural Sebastião Mota de Melo e Memorial da Colônia Cinco Mil.

Os espaços de memória, quando socializados, configuram-se como espaços de formação pedagógica e divulgação científica e de saberes para leigos e leigas de diferentes religiões, pesquisadores, futuros professores, simpatizantes, e que tiram da marginalidade comunidades historicamente silenciadas. É o caso do Memorial da Colônia Cinco Mil, criado em 2021, localizado na área rural de Rio Branco, a pouco mais de 10 quilômetros do centro da capital.

## O MEMORIAL COLÔNIA CINCO MIL

A comunidade da Cinco Mil é um território de memórias constituído por pessoas de diferentes origens e que foram, ao longo do tempo, grafando a história e geografia do Daime e da ayahuasca em Rio Branco. Assim como a comunidade do Alto Santo, o patrimônio histórico na Cinco Mil engloba uma série de equipamentos/objetos que compõe a paisagem, como construções, monumentos, ruínas que contam a história da comunidade e constituem bens materiais. São eles: a sede da igreja, construída em 1975-78, a casa onde o padrinho Sebastião morou, o cemitério comunitário, a casa de feitiço do daime, a área de mata, a trilha, o terreiro. Todos esses são espaços rituais e de valor simbólico e afetivo para a comunidade.

Para além dos monumentos e documentos, há a prática cultural, os ritos do Daime, os encontros para consagrar a bebida, rezar, louvar, cantar, bailar; mulheres, crianças, homens, diferentes pessoas e famílias que se unem em torno dos ensinamentos proporcionados pelo daime. A comunidade conta com cerca de 40 hectares de uma área de mata em recuperação, com implantação de agrofloresta às margens do igarapé Redenção que margeia a porção sul-oriental da comunidade. Se considerarmos toda a extensão da bacia do Redenção, é possível reconhecer o intenso desmatamento da vegetação de suas margens e a importância do perímetro preservado na área da Cinco Mil como patrimônio ambiental, refúgio para fauna local e contenção das erosões nas encostas.

O Memorial da Cinco Mil nasceu durante a realização da pesquisa de Moura (2023), que se desenvolveu entre os anos de 2019-2023, na linha de pesquisa *cultura, narrativas e identidades amazônicas do programa de pós-graduação em letras: linguagem e identidade* da UFAC, e que abordou os cinquenta anos de ocupação, os saberes e fazeres nessa comunidade do Daime. A tese reuniu narrativas da oralidade e da escrita que ressoam interpretações e experiências múltiplas, no sentido de refletir as muitas camadas de sentidos que fazem circular discursos e que inventam e reinventam a geografia e a história do lugar. Durante o campo, a pesquisadora participou ativamente do movimento que, em 2020, mesmo nas condições adversas impostas pela pandemia de covid-19, reestruturou o Coletivo Amigos da Cinco Mil e promoveu a reforma da antiga escola da comunidade, onde foi idealizada a montagem do Memorial.

Cabe ressaltar que os museus comunitários, geralmente, nascem de uma iniciativa da própria comunidade, onde os moradores de um determinado território cultural criam um espaço que valoriza e contribui para a preservação da memória, como no caso do Memorial da Cinco Mil,

que nasceu de uma pesquisa feita na e com a comunidade. Nesses memoriais, os visitantes podem conhecer a história e cultura daquela localidade através da exposição de documentos, registros fotográficos, dentre outros. Tais museus configuram-se, portanto, como espaços que promovem reflexão e atuam como um dispositivo para a comunidade afirmar a posse física e simbólica de seu território, valorizando suas referências e o conhecimento de sua própria história e memória coletiva.

Depois da reforma, que mobilizou grande parte da comunidade, nasceu o Centro Cultural Sebastião Mota de Melo e o Memorial Colônia Cinco Mil. Como destaca Moura (2023, p. 26) “[...] é a prática de cada um que dá conteúdo real aos debates, reflexões e teorias, quando o agir, o fazer, se dá em um movimento indissociável do pensar e refletir”. Na primeira etapa da pesquisa, foi organizada uma exposição de fotos que contava com um resumo da história do lugar, uma pequena biblioteca, um parquinho e quadra de vôlei. O espaço passou a ser utilizado para desenvolvimento de atividades de lazer, esporte, ensaios de hinos, projetos de arte, educação e valorização das memórias na comunidade. Como afirmam Figueira e Ramos (2019, p. 5): “[...] As pessoas das comunidades locais nos diversos lugares, desde pequenos povoados e aldeias, a vilas e cidades, criam e disseminam produtos, desenham e consomem cultura, apresentam identidades específicas e distintivas” e, nesse sentido, “[...] os museus de iniciativa local são parte decisiva do que possamos entender como museologia popular”.

Os museus comunitários também estão relacionados com ações que visam projetos voltados para melhorar a qualidade de vida e fortalecimento de suas identidades. Entre os objetivos do Coletivo Amigos da Cinco Mil está oferecer cursos para enfrentar diversas necessidades, fortalecendo a história cultural e a economia local. A transmissão dos saberes entre as gerações e a promoção do turismo de base comunitária tem sido um caminho buscado pela comunidade através do Memorial da Cinco Mil. Um trabalho pedagógico vem sendo feito através da constituição de um roteiro de visitação pelos espaços de memória da comunidade, explorando os significados simbólicos dos espaços sagrados, bem como a relação entre a formação econômica e territorial do Acre e os movimentos de deslocamento da ayahuasca e do daime como práticas culturais indígenas e não-indígenas. Essa atividade é realizada junto aos alunos de licenciatura e bacharelado em história e geografia da UFAC, mais especificamente do curso de Geografia do Acre.

Em 2022, numa parceria com a UFAC e Coletivo Amigos da Cinco Mil, uma primeira ação de extensão foi organizada para realizar o censo comunitário da Colônia Cinco Mil. A partir de reuniões de planejamento e da aplicação de questionários, foi realizado um diagnóstico da situação da população, ocupação e uso das terras na localidade. Identificou-se que vivem hoje na comunidade - de aproximadamente 60 hectares e uma considerável área verde às margens do Igarapé Redenção - um conjunto de 40 famílias, cerca de 100 pessoas. Apesar de muitos avanços recém conquistados, como o asfalto e ônibus escolar, grande parte da comunidade é baixa renda, com pouco acesso a opções de lazer e emprego, e ainda vivenciam algumas disputas fundiárias.

Em 2023 o Memorial da Cinco Mil passou por uma segunda etapa de implementação, consolidando-se como espaço de preservação da memória e da histórica da Colônia Cinco Mil. Com apoio do Edital 12/2023 do Fundo Municipal de Cultura da Fundação Garibaldi Brasil, o Memorial abriu as portas para uma nova exposição. Os antigos quadros, diagramados e pendurados nas paredes de forma amadora, e que compuseram a exposição de fotos e textos entre os anos de 2021-2023, deram lugar a uma nova exposição que apresenta documentos históricos, como atas antigas, livros de presença, registros de batismo e outros documentos. Um painel interativo com linha do tempo permite uma imersão na trajetória desse local sagrado, e uma diversidade de fotos remetem a diversos aspectos do cotidiano da comunidade e suas transformações entre os anos de

1960-2000, fatos que reafirmam seu trabalho de educação patrimonial. Conforme Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p. 5): “[...] A Educação Patrimonial é um instrumento de ‘alfabetização cultural’ que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido”.

O Memorial da Cinco Mil recebe mensalmente diversos visitantes de várias partes do Brasil e de outros países. Sua articulação com um projeto de extensão cumpre a função de aproximar a produção feita na Universidade da comunidade externa, fazendo-se presente como ponto de cultura e divulgação de conhecimentos em uma comunidade rural de Rio Branco. Nos seus 5 anos de funcionamento foram realizadas várias visitas guiadas, com um público diverso, contribuindo de forma significativa na educação patrimonial e valorização das identidades ligadas ao Daime do padrinho Sebastião.

As visitas guiadas tiveram duração média de 60-90 minutos e abordaram o surgimento do Memorial, a formação da comunidade, correlacionando os processos de fundação e transformação do Acre com o desenvolvimento das culturas ayahuasqueiras e sua expansão em contextos não indígenas. Na primeira exposição, através das imagens e textos, o visitante percorre uma linha do tempo sobre a história da comunidade, da ayahuasca indígena de tempos imemoriais à inauguração do Memorial em 2021. Na segunda sala de exposição estão fotografias que retratam vários aspectos da cultura religiosa daimista, bem como a documentação que compõe o acervo, que inclui atas de reuniões, livros de presença e batismo, inquéritos policiais, entre outros. O projeto resultou na organização e atualização do acervo documental, fotográfico e audiovisual do Memorial da Cinco Mil.

Em 2025, através do edital de seleção do *Cultura Viva*, o Coletivo Amigos da Cinco Mil foi reconhecido como ponto de cultura por sua atuação no Centro Cultural, Memorial e em toda a comunidade. As visitas guiadas conectam o público visitante às histórias e à geografia das culturas ayahuasqueiras de Rio Branco e, em específico, da Colônia Cinco Mil. Ao longo do ano de 2024, passaram pelo Memorial da Cinco Mil cerca de 235 pessoas; em 2025 foram aproximadamente 263, conforme registros no livro de presença. Em 2026, até meados de abril, mais de 120 pessoas já haviam visitado o Memorial da Cinco Mil, indicando uma crescente procura pelo espaço, inclusive guias e agentes de turismo local. Tais visitas ratificam a importância significativa desse Memorial como espaço educativo no contexto do Santo Daime em Rio Branco, evidenciando conexões singulares entre religião, espaços de memória e cidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos refletir neste artigo sobre a relação entre educação patrimonial e os espaços de memória ligados às culturas ayahuasqueiras, especialmente, à religião do Santo Daime na cidade de Rio Branco, com foco nas vivências e visitas guiadas no Memorial da Colônia Cinco Mil, um museu comunitário criado em 2021.

O Santo Daime é uma religião nascida na Amazônia e que se encontra hoje em diferentes estados do Brasil e em diversas partes do mundo. Contudo, Rio Branco é considerada a capital do Daime em função não apenas de ter sido a cidade onde Mestre Irineu fundou a religião, originando, com isso, uma diversidade de grupos e linhas ayahuasqueiras, mas também por deixar estampar em seus muros, ruas, linhas de ônibus, artes e monumentos, os sinais dessas práticas culturais.

Desse modo, o Santo Daime marca a paisagem da cidade, imprimindo à religião um caráter socializador e educativo. Para além dos templos religiosos, onde as *plantas professoras* (Albuquerque, 2011) compartilham com os humanos seus ensinamentos, as referências à ayahuasca se fazem presentes

por todo canto. Estão nos grafites que se espalham pela cidade, em que se pode ler versos de hinos do Daime; na música de compositores locais, na produção cinematográfica quando se fala do Acre, além da borracha.

No âmbito dessa religião, destacamos o Memorial da Colônia Cinco Mil o qual, por abrigar histórias e memórias do Santo Daime, configura-se como espaço educativo na cidade de Rio Branco, sobretudo, por socializar conhecimentos geralmente silenciados nos meios escolares e acadêmicos. O memorial se insere, portanto, no contexto de uma educação de natureza não escolar, situada além das formas institucionais de ensino. Esse tipo de educação nos permite pensar em formas outras de construção do conhecimento, uma vez que reconhece modos de ser, viver e aprender de sujeitos e grupos invisibilizados.

A perspectiva contra epistemológica em questão dá movimento ao campo investigativo da educação não escolar que, embora ainda subalternizado no seio da Pedagogia e, em particular, na História da Educação, marcada pelo escolacentrismo, vem crescendo e mostrando suas potencialidades para se pensar processos educativos situados em outras lógicas do existir humano (Albuquerque; Buecke, 2019).

O Memorial, ao dar visibilidade à história da religião e seus agentes, se inscreve, portanto, como espaço significativo de sociabilidade, ratificando, assim, a perspectiva de que o educativo deve ser compreendido no sentido da práxis humana porquanto se considera que a história da educação não se esgota na escola, mas, ao contrário, compõe uma complexa engrenagem sociocultural.

Nessa direção, os processos educativos ocorridos em igrejas, terreiros, cinemas, museus, dentre outros, fazem parte de um amplo e complexo processo de formação humana fincado na experiência, na sensibilidade, na corporeidade e na memória. Entendidos como espaços de sociabilidades, tais processos de educação dialogam com o campo da história cultural na medida em que propõem, segundo Fonseca (2003), um deslocamento em seus interesses epistemológicos: das instituições para os indivíduos, das políticas governamentais ou do pensamento pedagógico para as práticas cotidianas, abrindo, com isso, possibilidades de ampliação da concepção hegemônica de educação, ainda marcadamente institucional e escolar.

Fundamentalmente, olhar para esses espaços e o papel que exercem na formação dos estudantes da graduação da UFAC, e da comunidade em geral, configura-se como ato político pois, o que hoje é o Centro Cultural Sebastião Mota de Melo e Memorial Colônia Cinco Mil já foi Escola de Ensino Fundamental João Batista Figueredo. Aqui, o ato de ocupar e renomear é duplamente simbólico no sentido de problematizar heróis nacionais e a tendência de apagar lideranças comunitárias.

O Memorial da Colônia Cinco Mil recebe diversos visitantes e segue sendo exemplo de indissociabilidade entre pesquisa, extensão universitária e comunidade, além de vir se consolidando como uma referência como espaço de memória das culturas ayahuasqueiras em Rio Branco, em geral silenciadas ou subalternizadas nos currículos escolares. Configura-se, ainda, como espaço político de combate ao preconceito e a intolerância que marcam as religiões minoritárias. Afinal, como tradição afro-indígena imersa no sincretismo do catolicismo popular, a história do Daime, além de estar imbricada com a história e geografia do Acre, também é uma narrativa de resistência, marcada por silenciamentos e apagamentos.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa. *Epistemologia e saberes da ayabuasca*. Belém: EDUEPA, 2011.
- ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa. Religião, cultura e educação: modos outros de ensinar e aprender. In: FERREIRA, Liliana Soares *et al.* *Pedagogias e sujeitos em conexão*. Curitiba: CRV, 2020, p. 23-44.
- ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa; BUECKE, Jane Elisa Otomar. O. Educação não escolar: balanço da produção presente nos Congressos Brasileiros de História da Educação. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 19, p. e069, 16 jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/46986>. Acesso em: 14 mar. 2026.
- ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. *Educação em Revista*, v. 33, p. 1-23, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/FTppyqQTJpM7YVWxWvmTj8S/?lang=pt>. Acesso em: 14 mar. 2026.
- BENJAMIN, Walter. Rua de mão única: posto de gasolina. In: *Obras escolhidas*, v. 2. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação como cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- ELLSWORTH, Ellsworth. *Places of learning: media, architecture and pedagogy*. New York: Routledge, 2005.
- FIGUEIRA, Luís Mota; RAMOS, Dina. *Museus de Comunidade: Manual de Apoio a Gestão*. UA. Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia. Editora Universidade de Aveiro: Aveiro, 2019. Disponível em: [http://www.cda.ipt.pt/download/ebooks/Livro\\_Museus\\_de\\_ComunidadeMarco2019.pdf](http://www.cda.ipt.pt/download/ebooks/Livro_Museus_de_ComunidadeMarco2019.pdf). Acesso em: 30 mar. 2026.
- FONSECA, Thaís Nívia de Lima. História da educação e história cultural. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thaís Nívia de Lima. (Orgs.). *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 43-75.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreira.; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriana Quiroz (Orgs.). *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Museu Imperial; IPHAN, 1999. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia\\_educacao\\_patrimonial.pdf.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf.pdf). Acesso em: 14 mar. 2026.
- MORTIMER, Lúcio. *Bença, Padrinho*. São Paulo: Edição Céu de Maria, 2000.
- MOURA, Julia Lobato Pinto. *Territórios e memórias de uma cartografia acre: a Colônia Cinco Mil como um lugar narrado*. 461 f. Tese (Doutorado em Letras: Linguagem e Identidade) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2023.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Perspectivas curriculares sobre a formação do pedagogo para a educação não escolar. *Educação em Revista*, v. 34, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/h8tkMFRbkwbFMmmJzB9qp3K/?lang=pt>. Acesso em: 14 mar. 2026.

SOARES, Bruno Burlon; SCHEINER, Teresa Cristina Moletta. A ascensão dos museus comunitários e os patrimônios 'comuns': um ensaio sobre a casa. *In: X Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, 2009, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: ANCIB, 2009. Disponível em: <https://bibliotextos.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/12/a-ascensc3a3o-dos-museus-comunitc3a1rios.pdf>. Acesso: 30 mar. 2026.

ZOPPEI, Emerson. *A educação não escolar no Brasil*. 344 f. Tese, Doutorado em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

*Submetido em abril de 2026*  
*Aprovado em maio de 2026*

#### **Informações das autoras**

Julia Lobato Pinto de Moura  
Universidade Federal do Acre  
*E-mail:* [julia.moura@ufac.br](mailto:julia.moura@ufac.br)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4810-3490>  
*Link Lattes:* <http://lattes.cnpq.br/7471469615043841>

Maria Betânia Barbosa Albuquerque  
Universidade do Estado do Pará  
*E-mail:* [mbbalbuquerque@gmail.com](mailto:mbbalbuquerque@gmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9681-9293>  
*Link Lattes:* <http://lattes.cnpq.br/6849661131305117>